1ª PARTE

Estudos

OS DEZ ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE DE SÂNZIO DE AZEVEDO

Dagmar Aderaldo Chaves

Só hoje consegui chegar ao término da leitura do livro acima intitulado, que me foi enviado com data de março de 1987, "com a homenagem e o abraço cordial" do festejado autor.

A obra é de um homem de letras, que já tem o seu conceito bem firmado e, muito respeitado como pesquisador, professor, escritor (com vários livros publicados), figurando como elemento preeminente da literatura cearense atual, cultor da poesia e do ensaio.

É o sexto volume da coleção "Alagadiço Novo", dos programas culturais da Casa de José de Alencar.

Precede o texto fundamental o pronunciamento de A. M. F., no qual são exaltadas as qualidades intelectuais de *Rafael Sânzio de Azevedo,* a quem se devem, entre outros, os seguintes trabalhos: *A Terra Antes do Homem, Cantos da Longa Ausência* (poemas), *Caminhos da Poesia, A Padaria Espiritual, Literatura Cearense* (compêndio), *Aspectos da Literatura Cearense, A Padaria Espiritual* e *O Simbolismo no Ceará* (tese), *Integram o Sumário:*

1. O Conto Cearense, de Galeno ao Grupo Clã.
2. Júlio Maciel e a Poesia de Seu Tempo.
3. Dolor Barreira, Historiador da Literatura Cearense.
4. Rodolfo Teófilo e o Amor à Verdade.
5. Relendo Herman Lima.
6. Um Poema de Raimundo Varão.
7. José Alcides Pinto — Vanguardista e Romântico.
8. Milton Dias, Mestre da Crônica.
9. Otacílio Colares e a Coroa de Sonetos.
10. Rachel de Queiroz e o Romance da Seca.

Sucedem-se dez capítulos que ocupam o volume da pág. 9 até a 131.

1) No primeiro capítulo *O Conto Cearense de Galeno ao Grupo Clã,* o autor declara ao concluir o mesmo, que se propusera chegar no seu estudo, ao modernismo, mas atingira a *contemporaneidade,* onde novos contistas já apareceram e continuam surgindo, *"enfocando a vida em suas estórias curtas",* filiando-se, "como acentuava *Herman Lima,* ora ao conto de fundo *psicológico da linha de Machado de Assis,* ora àquele conto regional, mais preso à terra,

na linha de Afonso Arinos" ou ainda, resultante de "fusão da nota regional, às angústias universais".

Sânzio de Azevedo confessa que para falar do *conto cearense,* do seu surgimento, *em pleno romantismo,* passando pelo *realismo* e desembocando no *modernismo,* é preciso defini-lo, atitude que ele assume.

Considera *conto cearense,* "toda a narrativa curta, sintética e monocrônica, produzida por *autor cearense*".

Inclui nesta categoria:

1) Escritores nascidos no Ceará e que neste Estado escreveram seus trabalhos, citando como exemplos *Juvenal Galeno* e *Oliveira Paiva.*

2) Autores que nasceram noutros estados, mas no Ceará escreveram suas obras, como *Rodolfo Teófilo* e *Pápi Junior.*

3) Aqueles que mesmo ausentes da terra natal — o Ceará, são responsáveis por produções literárias cearenses, como *Gustavo Barroso e Herman Lima.*

Justifica Sânzio de Azevedo, a não-inclusão de Oscar Lopes, como autor de conto cearense, porque nascido, embora, em terras de Alencar, escreveu no Rio "toda a sua obra, onde seu Estado não aparece".

Braga Montenegro citado pelo autor deste livro, considera *José de Alencar,* cronologicamente, o *primeiro contista cearense,* (1860) *(Cinco Minutos* e *A Viuvinha),* (trabalhos encarados, também, como romances ou novelas).

Segue-se em 1861, a *Trindade Maldita,* subintitulado de *Contos no Botequim* de *Francklin Távora.*

Voltando a José de Alencar, *Sânzio de Azevedo* considera justo aceitá-lo como escritor cearense, já que, fora do Ceará quase a vida toda, escreveu *Iracema* e *O Sertanejo,* dois romances cearenses.

Braga Montenegro, mencionado por *Sânzio de Azevedo,* coloca *Juvenal Galeno* entre os precursores do *conto cearense* com suas *Cenas Populares,* (1871) precursor ou mesmo *iniciador* do referido conto.

Das narrativas, "Dia de Feira" e "Clara", são comentadas. Juvenal Galeno era, realmente, romântico, sentimental, observador agudo. Conclui *Sânzio* que "com suas qualidades e defeitos, são as *Cenas Populares* o marco inicial do conto cearense, em pleno romantismo".

Em 1886, com o aparecimento do *Clube Literário* acompanhado do seu órgão *A Quinzena,* inaugura-se, no Ceará, o "Realismo" e nas palavras de *Sânzio De Azevedo,* "para dizer a verdade realistas foram apenas, pelas páginas da *A Quinzena* (1887-1888) *Oliveira Paiva* e *Rodolgo Teófilo*".

Assim, *Francisca Clotilde (Coleção de Contos* — 1897) como outros, era "francamente romântica".

Oliveira Paiva foi realmente "realista" na teoria e na prática e dele são os contos seguintes publicados na *A Quinzena* além de outros: "Corda Sensível", "O Ar do Vento, Ave Maria", "A Melhor Cartada", (1887) visto como um dos melhores contos cearenses.

Ao lado dos cidadãos, *Sânzio de Azevedo* elogia, também, "O Ódio" e lembra que *Braga Montenegro* considera "O Ar do Vento, Ave Maria", de uma

originalidade pouco encontrada nos escritos da época, "um dos mais bem elaborados contos cearenses do século passado", no dizer do autor deste trabalho, *Sânzio de Azevedo.*

Referindo-se a *Rodolfo Teófilo* que nascera na Bahia, mas era de origem cearense e viveu sempre no Ceará, lembra Sânzio o autor dos romances, *Os Brilhantes* e *O Paroara* e bem assim, o volume das narrativas sob o título *Ciências Naturais em Contos* (1889) com intuito didático, valendo-se da zoologia e da botânica, portanto, com caráter científico.

Grande estudioso dos problemas da seca, *A Fome, Rodolfo Teófilo,* publica *O Cunduru,* em 1910, tendo no conto de abertura (O Cunduru) a melhor das narrativas de cunho fortemente realista.

Pápi Junior nasceu no Rio, mas radicou-se no Ceará e aqui produziu "toda a sua obra literária, escrevendo e publicando vários contos". *A Partida,* (1884), *Exorcismos* (1910), *Rosa do Curu* (1914), *As Pastilhas do Imperador* (1925).

Afirma Sânzio que *Pápi Junior* não chegou nos seus contos, à altura de sua obra-prima, o romance, *O Simas,* (1898).

Domingos Olímpio que viveu no Pará e no Rio, aqui falecendo, é para *Sânzio,* autor cearense, porque escreveu "um dos mais cearenses dos nossos romances — *Luzia-Homem* (1903).

Entre os seus contos está O *Redivivo.*

Adolfo Caminha que figurava entre os fundadores da *Padaria Espiritual* publicou *Judite* e *Lágrimas de Um Crente* (1887) e *A Normalista* (1893), romance este escrito no Ceará, sendo *Bom-Crioulo* considerado sua obra-prima. Entre os seus contos, está no "No Convento", também intitulado, talvez, como "O Noviço".

Entre outros contistas, *Sânzio* registra os nomes de *Eduardo Sabóia (Contos do Ceará,* 1894), de *José Carvalho (Perfis Sertanejos)* — 1897 e de *Artur Teófilo,* cujos contos são os que de melhor no gênero encontramos nas páginas de *O Pão,* órgão da *Padaria Espiritual,* afirma *Sânzio de Azevedo.*

A Morte da Avó constitui uma das suas estórias.

Sânzio de Azevedo focaliza os nomes de dois integrantes do "Centro Literário" fundado em 1894: o poeta, orador, advogado, humorista e repentista, *Quintino Cunha,* com os *Diferentes* e *Fernando Weyne* com os *Miudinhos,* (1895) que se não destacaram do conto.

Dolor Barreira citado por *Sânzio,* recorda o florescimento do conto cearense com a *Padaria Espiritual* e com o *Centro Literário,* voltando a projetar-se em.1909 e 1910, com *Gil Amora, Pápi Junior, Rodolfo Teófilo* e *Gustavo Barroso.* O primeiro é autor de "Uma Entrevista dos Diabos", "O Recitativo", produzindo contos de sabor humorístico.

Outros contistas, *José Luís de Castro, Domingos Bonifácio, Melo Sidney* e *Soriano de Albuquerque* são lembrados pelo autor.

Quanto a *Gustavo Barroso,* "merece destaque porque se trata de um dos maiores vultos do conto realista e regionalista do Ceará", na afirmativa de *Sânzio.* Em homenagem a *Gustavo Barroso,* sacrificado pelo integralismo, justifica-se

transcrever o que dele escreve *Sânzio de Azevedo*: "Chegando a publicar cerca de uma centena de livros, abrangendo a sociologia, a história, a museologia, o folclore, a política, a economia, a memorialística, o romance, a poesia etc., *de contos publicou vários volumes,* sendo tipicamente cearenses, *Praias e Várzeas* (1915), *Alma Sertaneja* (1923), e *O Livro dos Enforcados* (1939).

Velas Brancas, Emboscada, Naufrágio, O Pescador, Espectro, A Luisa do Seleiro, A Moça da Sapiranga, Chifre de Cabra, A Louca, O Poço das Piranhas, O Lobisomem, enriquecem a obra de *Gustavo Barroso,* no conceito de *Braga Montenegro*: "O Conto Cearense só atingiria o grau de evolução que hoje apresenta, com Gustavo Barroso".

Herman Lima, grande vulto da literatura cearense, autor de contos e de livros sobre a técnica do conto, tornou-se mestre, na teoria e na prática de tal gênero de literatura. *Trigipió,* livro de estréia, cujos contos foram escritos no Ceará, figura como o ponto alto de sua ficção: "Narrativas como "Tigipió", "Alma Bárbara", "Os Sertanejos", "O Arrieiro", "Ventura Alheia" e outros garantem a *Herman Lima* lugar de maior destaque no panorama do conto cearense", declara *Sânzio de Azevedo.*

Este nos afirma, também, que *Antonio Sales* "escreveu poucos contos", citando dentre estes, "O Almoço", que elogia.

Refere-se o autor deste trabalho à obra publicada em 1931 no Rio, da autoria de *Antonio Furtado,* intitulada "Idéia Fixa", composta de cinco narrativas, "Idéia Fixa", "Karioth", "O Padre Estevão", "Os Jagunços" e "Eva", contos realistas, de boa qualidade literária.

O escritor destaca do livro *Jitirana,* de *Carlos Cavalcanti ou Caio Cid* — 1938, "Pendurado no Abismo", conto deveras interessante.

Sânzio cita ainda, *Carlyle Martins (Alma Rude* — contos regionais — 1960); Cruz Filho *(Histórias de Trancoso* — 1971) ambos não relacionados com a estética do modernismo, mas poetas da "nossa fase parnasiana".

O poeta *Jáder de Carvalho* é também focalizado por *Sânzio,* com seus contos e lembrado como co-autor *d'O Canto Novo da Raça* (1927).

Lembra *Sânzio de Azevedo* que o conto moderno só iria consolidar-se, definitivamente, no Ceará, na década de 40, com o Grupo Clã e com a revista do mesmo nome desde 1946.

São autores de contos: *Aluízio Medeiros, (O Navio); Artur Eduardo Benevides (Caminho Sem Horizonte,* poeta insigne); *João Clímaco Bezerra (O Homem e Seu Cachorro)* romancista, ensaísta, novelista. *Lúcia Martins (Janelas Entreabertas* com *A Máquina de Retrato* — 1971); *Milton Dias; Braga Montenegro; Eduardo Campos; Fran Martins; Moreira Campos* mestre do conto, autor de *Vidas Marginais, O Puxador de Terço, Os Doze Parafusos* etc., que desfruta do melhor conceito sendo larga a divulgação do conto "O Preso".

Sânzio de Azevedo enumera ainda, como contemporâneos do Grupo Clã ou pouco posteriores: *Lauro Ruiz de Andrade, Cândida Galeno, Margarida Sabóia de Carvalho, João Jacques, José Alcides Pinto, José Maia, Caio Porfírio Carneiro F. Magalhães Martins, Juarez Barroso.*

Ao concluir a análise do *primeiro capítulo* sob a forma de *apreciação — resumo — transcrição,* confesso que fui muito além do que previra, levado pelo interesse e a importância da matéria, onde se identificam dados preciosos relativos à Literatura Cearense, especialmente no que se prende ao terreno do *Conto.*

Aqui o Autor, com sua capacidade de pesquisador e poder de síntese, estuda origens, evolução, nomes e trabalhos de escritores cearenses merecedores de respeito e divulgação, fazendo-o de forma magistral, ordenada, clara. A leitura feita até o momento representou, para mim, um agradável e útil aprendizado.

2) *Júlio Maciel e a Poesia de Seu Tempo,* envolve os subtítulos: *a)* O Parnasianismo no Ceará; *b)* Mármore, Símbolo, Razão e Sentimento; *c)* Um Soneto Humorístico; *d)* O Poeta e o Modernismo; *e)* O Adeus à Poesia.

Afirma *Sânzio de Azevedo* que um dos momentos mais ricos da poesia cearense, tanto em criatividade, quanto em quantidade, foi o período chamado parnasiano, entre 1907 e 1927. Menciona numa plêiade de poetas, entre outros: *Antonio Sales, Cruz Filho, Alf. Castro, Américo Facó, Mario Linhares, Antonio Furtado, Otacílio de Azevedo, Beni Carvalho, Carlos Gondim, Clóvis Monteiro.* Junta a este grupo, *Júlio Maciel,* "um dos maiores poetas que teve o Ceará", cantor de *Terra Mártir* (1918).

A poesia deste último, nem sempre rigorosamente parnasiana, levou *Sânzio* a situá-lo entre *parnasianos* e *simbolistas,* embora fundamentalmente, parnasiano.

Ao livro de estréia, reúne-se um terceiro *Poemas da Solidão,* os sonetos *Aeternum Vale, Judas, O Relógio, Verde, Transe, O Sonho, A Felicidade* e outros, são mencionados e comentados por Sânzio que lembra Júlio Maciel como "suave cantor das paisagens natais e dos tormentos do coração" e como temível epigramista, sirva de exemplo, "Um Juiz":

Eis sua divisa horrenda:
— Ele a seguiu toda a vida —
Já que a Justiça tem venda,
Seja a sentença vendida.

A Idade Dela (soneto humorístico) é da autoria de Júlio Maciel que usou o pseudônimo Lúcio Várzea.

Nasceu o poeta em Baturité em 28 de abril de 1888 e faleceu em Fortaleza em 8 de fevereiro de 1967.

Ao concluir o capítulo, *Sânzio* transcreve estas palavras de Júlio Barbosa Maciel: "Ora, poeta dos três oitos... Adeus, Poesia! Só o amor e a mocidade, por entre laranjeiras e ciprestes, debruçando-se nos tálamos e nos túmulos, poetizam a vida e a morte".

3) *Dolor Barreira, Historiador de Literatura Cearense.*

Sânzio de Azevedo começa o capítulo, recordando que *Dolor Barreira,* natural de Cachoeira (Solonópole), nasceu a 13 de abril de 1893 e faleceu em Fortaleza, no dia 30 de junho de 1967, tendo sido advogado, ensaísta, orador,

historiador, autor de obras jurídicas e literárias, tais sejam, *Investigação da Maternidade Ilegítima* (1935), *Clóvis Beviláqua e Outros Trabalhos* (1956), considerando-se "sua obra máxima", a *História da Literatura Cearense,* com quatro volumes publicados, de valor inestimável.

Sânzio assinala a preocupação de *Dolor Barreira,* com a evolução literária no Ceará e focaliza o nome do crítico admirável, *Sílvio Júlio,* autor de *Terra e Povo do Ceará* (1936), que traçara "um projeto de história sintética da literatura cearense".

Sânzio registra falhas, lacunas, defeitos, por falta ou excesso de informações relativas a autores, suas obras e personalidades, da parte de *Dolor Barreira,* que mesmo assim, tornou rica a sua história.

Uma massa de preciosos dados deveras a valorizam, como preciosa fonte para consultas, uma *obra monumental,* afinal.

Sânzio cita o pronunciamento de *Edigar de Alencar* que viu em *Dolor Barreira,* "um homem generoso de coração e inteligência, honesto, autor da monumental *História da Literatura Cearense.*

"Esforço extraordinário de pesquisa e erudição do *Historiador máximo da Literatura Cearense* (Sânzio de Azevedo).

4) *Rodolfo Teófilo e o Amor à Verdade.*

Sânzio de Azevedo abre este capítulo, assinalando a crítica desfavorável feita por *Adolfo Caminha* ao romance *A Fome,* de *Rodolfo Teófilo,* que chegou a considerar, sem estilo, sem arte, sem verdade, comparando-o com o poema "A Fome no Ceará", de *Guerra Junqueiro* (que nunca viera ao Brasil e não vira a seca de 1877), julgando o último muito superior ao próprio romance. *Sânzio* aceita a crítica quanto ao aspecto estilístico, à literariedade, mas não em relação ao problema da verdade nas cenas descritas na *A Fome,* lembrando que a falta da verdade científica *A Normalista* de Adolfo Caminha, não a comprometia como obra literária.

Rodolfo Teófilo, por sua vez, em seus artigos, defendeu-se das críticas de Adolfo Caminha, também autor do *Bom-Crioulo,* principalmente no que tange à verdade.

Sânzio volta a lembrar *O Paroara, Violação, O Cunduru,* já por ele focalizados a propósito dos contos, comentando, ainda, passagens da *A Fome* e de *Lira Rústica,* além de transcrever parte do poema "A Vítima dos Vampiros".

O que faz com que nos pareça ainda mais dramático o emocionante relato do romancista nas páginas d'*A Fome,* relato fundado na realidade, na "dura realidade da vida no interior cearense, quando a seca de 1877 espalhava a miséria e a morte", escreve *Sânzio.*

Lembra este escritor que *Antônio Sales (Aves de Arribação* — 1914) chamou *Rodolfo Teófilo* de "o fiel e poderoso intérprete da alma cearense", afirmando também neste julgamento que coincide com o de *Sânzio:* "Depois de descrever a grande seca de 1877-1879, como historiador, na sua notável e hoje clássica *História da Seca no Ceará, Rodolfo Teófilo* quis descrevê-la também como

romancista e deu-nos o romance *A Fome,* que não é, senão, a fabulação vigorosa daquela tremenda calamidade.

O título do capítulo identifica-se perfeitamente com o texto no que se prende ao julgamento de *Rodolfo Teófilo:* "A verdade, matéria-prima de suas narrativas onde vivem as paisagens e os costumes da terra que soube retratar com tanta fidelidade".

5) *Relendo Herman Lima*

Herman Lima, no dizer de *Sânzio de Azevedo,* foi, sem dúvida, um dos maiores nomes, que do Ceará saíram, para projetar-se no cenário da literatura nacional. Tendo nascido em 11 de maio de 1897, em Meireles — Fortaleza, faleceu em 21 de junho de 1981, no Rio de Janeiro.

Otacílio de Azevedo, citado por *Sânzio,* seu filho, em "página de reminiscências", evoca a figura de um jovem companheiro que em 1912 trabalhava na Fotografia N. Olsen, no Rio, exaltando a inteligência do moço que colaborava no *Malho* e no *Tico-Tico,* escrevendo e ilustrando. Publicava *Herman Lima,* histórias, charges etc. Seu conto "Gata Borralheira" foi publicado na revista *Fon-Fon* de "1917 ou 1918".

Refere-se *Sânzio* ao fecundo estágio de *Herman Lima* nos sertões cearenses "onde encontrou a matéria-prima da maioria de seus contos", levando o escritor para Salvador — Bahia; os originais de *Tigipió,* livro editado na última cidade, em 1924 e premiado pela Academia Brasileira de Letras, com várias edições e críticas das mais favoráveis.

Contista, cronista, ensaísta, biógrafo, crítico literário, médico pela Bahia, romancista, memorialista, escreveu: *A Mãe d'Água* (contos e crônicas) 1928; *Garimpos* (romance); *Na Ilha de John Bull* (1941); *Outros Céus, Outros Mares* (1942); *História da Caricatura no Brasil* (obra monumental — 1963); *Variações Sobre o Conto* (1952); *Imagens do Ceará* (1959-crônicas); *Poeira do Tempo* (1967).

Na terceira edição de *Tigipió* — 1932, encontram-se alterações já definitivas, com a inclusão dos contos: "O Arrieiro", "Os Caboclos", "As Mulheres", "A Mãe d'Água", constituindo o todo uma série integral de páginas do Ceará, "num tributo comovido que *Herman Lima* presta à sua terra, como transcreve *Sânzio de Azevedo.*

São de *Braga Montenegro* citado por *Sânzio,* as palavras pronunciadas a respeito de *Herman Lima:* "Talvez ele e Gustavo Barroso sejam os representantes mais autorizados do conto regionalista entre nós, em qualquer época". Sânzio comenta e tece fortes elogios aos contos do "Tigipió", mencionando "Sereias", "As Guabirabas", "Alma Bárbara", afirmando que em todas as narrativas sente-se o pulso do verdadeiro ficcionista.

Quanto à presença da paisagem cearense na obra de *Herman Lima, Sânzio* lembra pronunciamento de *Humberto de Campos* sobre *Tigipió,* quando declara: "o que mais o caracteriza é a paixão da gleba, o amor intenso do autor pela terra mártir em que nasceu" e "nenhum escritor do nordeste me deu, jamais,

impressão mais viva, nem mais justa, das paisagens que eu vi e das regiões que visitei".

Sânzio comenta passagens do livro de memórias de *Herman Lima, Poeira do Tempo,* prendendo-se ao capítulo — "O Primeiro Amigo", em que é evocada a figura de José Nogueira, assassinado em Fortaleza em 1914 e destaca sua antiga admiração e a convivência que tivera com o imortal escritor, juntamente com Otacílio de Azevedo, seu querido pai, considerando o autor de "Tigipió", "um puro cearense", um dos maiores vultos da literatura cearense.

Ao terminar o capítulo, o autor focaliza *Herman Lima* como "herdeiro direto do Realismo, tendo sido: ficcionista, cronista, crítico, memorialista, ensaísta, tradutor, elogiado por escritores de melhor quilate".

O escritor ora biografado por *Sânzio de Azevedo,* no depoimento deste, colocava *Sertanejos, O Arrieiro* e *Alma Bárbara* na linha dos contos de sua preferência.

6) *Um Poema de Raimundo Varão.*

O autor inicia o capítulo assinalando a tarefa deveras árdua e não raro ingrata da pesquisa literária e também o prazer de surpresas agradáveis, com descobertas interessantes.

Sânzio, declara que seu ilustre pai, Otacílio de Azevedo, convivera com Raimundo Varão por volta de 1912 ou 1913 e dele fora companheiro na Fotografia N. Olsen.

Trata-se de poeta estranho, enigmático, paulista ou piauiense, com polidactilia em ambas as mãos, sendo autor de vários livros inéditos e de dois poemetos publicados, *A Morte da Águia* (1914) e *Glatigny* (1915).

Sânzio comenta *A Canção dos Românticos* (poema de 7 estrofes) e transcreve *A Canção dos Poetas Míseros* (sete estrofes em versos decassílabos) e *Fortaleza* (soneto).

Há versos de Varão nos quais ele chega à conclusão de que é um mal ser poeta, a arte seria maldição, em vez de bençāo.

Sânzio considera o poeta um "neosimbolista". "Pessimismo fatalista", "desânimo e apatia", "evasão", "acentos decadentistas", espírito mórbido, o aproximam de algum modo, a meu ver, de Augusto dos Anjos. "Fortaleza" é talvez a sua produção literária mais conhecida, presente em várias publicações, inclusive em *Fortaleza Descalça,* de Otacílio de Azevedo (1980), sendo realmente um precioso soneto.

7) *José Alcides Pinto — Vanguardista e Romântico.*

"Nos poemas transcritos, uma nota unânime e avassaladora: a presença da morte", é o que se lê em uma das passagens do capítulo. Foi o poeta um dos principais animadores do Concretismo no Ceará e teve sua poesia analisada por Cassiano Ricardo (que o denominou "poeta múltiplo e uno").

Referindo-se à prática do poema social, por José Alcides Pinto, *Sânzio* focaliza os poemas *Os Catadores de Siris, As Águas Novas* (1975), *Acaraú* (1979), *Os Amantes* (1979), lembrando ser muito elogiado o soneto intitulado "Mãos Inesquecíveis", decidado pelo poeta à irmã Gerci e incluído no livro *20 Sonetos*

do Amor Romântico, prefaciado por *Sânzio,* que transcreve os de números 4 e 16.

O poeta cearense, em estudo, é também romancista, contista, teatrólogo, ensaísta, enriquecendo, no dizer de *Sânzio de Azevedo,* a literatura cearense.

8) *Milton Dias Mestre da Crônica*

Sânzio abre o caminho sobre *Milton Dias,* que faleceu em 22 de março de 1983, mencionando seus livros *A Capitoa* (1982), *As Cunhãs* (1966), *A Ilha do Homem Só* (1966), *As Outras Cunhãs* (1976).

Afirma *Sânzio* que a crônica propriamente dita está presente na maior parte de *A Capitoa,* citando *Vexames da Idade, Sobre a Morte, Velhas Fotos* que comenta e considera admirável, classificando-a de crônica verdadeira, exaltando a cena de garotos rabiscando, irreverentemente, antigas fotografias de parentes e as reflexões do narrador. Descambando para o conto, estão: "O Retrato", "A Botija" e outros que *Sânzio* comenta, escrevendo: "A meu ver, deveria tornar-se um clássico de nossa ficção regionalista".

Ao concluir a apresentação de *Milton Dias,* com a apreciação, a análise de sua produção literária, o autor de *Dez Ensaios de Literatura Cearense,* o faz, reconhecendo que *A Capitoa* só não consolida o nome daquele escritor porque está há muito consolidado, em se tratando de um *Mestre da crônica,* admirado aqui e alhures.

9) *Otacílio Colares e a Coroa de Sonetos*

Nesse capítulo, *Sânzio* preocupa-se com o trabalho de redisciplinamento do verso, a reabilitação do soneto, vítima da prevenção do Modernismo, não obstante a lucidez de Mário de Andrade, que em 1933 compõe o magnífico soneto "Quarenta Anos".

Lembra também que o poeta de *Martim Cererê,* em 1938, punha "o soneto entre as nossas mais caras recordações" e compunha, anos depois, vários sonetos em versos brancos ou rimados, irregulares ou medidos.

Referindo-se a Mário de Andrade, o autor de *Macunaíma, Sânzio* lembra as palavras deste ao afirmar que certos gêneros poéticos implicam a métrica e, assim, escrever um soneto em verso livre seria criar um aleijão ainda mais defeituoso que certos sonetos de metros desiguais.

Recorda *Sânzio* com sua autoridade, não haver razão para não comportar o soneto, o Modernismo de *Carlos Drummond de Andrade,* se nele haviam cabido, o "Barroquismo de *Gregório de Matos,* o Neoclassicismo de *Cláudio Manuel da Costa,* o Romantismo de *Castro Alves,* o Parnasianismo de *Olavo Bilac* e o Simbolismo de *Cruz e Souza.*

Ocupa-se ainda Sânzio com o renascimento do soneto, após a revolução estética de 1922, citando os nomes dos poetas *Vinicius de Moraes, Lêdo Ivo, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Augusto Frederico Schmidt, Guilherme de Almeida, Mauro Mota, Alphonsus de Guimarães Filho, Homero Homem* e outros.

Cita, no Ceará, os nomes dos poetas *Jáder de Carvalho, Sidney Neto, Mozart Firmeza, Filgueiras Lima* e conclui declarando que hoje, naquele estado, é

possível ler "sonetos ortodoxos" ou irregulares mas esteticamente modernos de *Filgueiras Lima, Jáder de Carvalho, Otacílio Colares, Artur Eduardo Benevides, Cid Carvalho* e outros.

Sânzio recorda a espontaneidade com que seu ilustre pai, o poeta Otacílio de Azevedo, escrevia seus artísticos sonetos e passa a ocupar-se com Otacílio Colares, que "de fato se consagrou como poeta, acima de tudo, através do soneto", neste, sentindo-se mais à vontade, compondo-o, geralmente, dentro das normas clássicas: o soneto está, portanto, fortemente ligado à sua obra "constitui a nota impressionante do seu verso" (Joaquim Alves).

Lembra *Sânzio* que Otacílio Colares figurou nos livros *Os Hóspedes* (1946), que o soneto de *O Jogral* e do livro *O Jogral Impenitente* (1965) mostra a espontaneidade do poeta.

Recorda *Sânzio* as definições de *Coroa de Sonetos (Geir Campos, Péricles Ramos, Augusto Meyer* e *Leodegário de Azevedo):* "Série de 15 sonetos em que, a partir do segundo, cada um tem como verso inicial o último verso do soneto anterior, compondo-se o décimo quinto dos versos repetidos de tal forma que forme sentido". O último soneto é formado pelos quatorze versos finais dos anteriores.

Sânzio discute as definições relativas à *Corôa de Sonetos* que encara como um "virtuosismo métrico". Afirma, textualmente: "O fato é que Otacílio Colares construiu uma coroa de sonetos, de acordo com o que a maioria dos estudiosos brasileiros considerou uma legítima coroa de sonetos".

E conclui *Sânzio:* "Mestre moderno do soneto, *Otacílio Colares* reafirma este título, ao compor um trabalho de arte que ficará marcando seu nome no panorama das letras poéticas do Brasil".

10) *Rachel de Queiroz e o Romance da Seca*

Sânzio detém-se na "A Literatura das Secas" e no *O Quinze.* Recorda na primeira etapa que se deve a *Tristão de Athayde* a referência, pela primeira vez, a uma "literatura das secas", figurando o romance realista-naturalista, *A Fome* (1890) de *Rodolfo Teófilo* como o marco inicial da mesma literatura, no Ceará.

Paroara, outro romance de Rodolfo Teófilo (1899), cuida do cearense emigrando para a Amazônia, para sofrer ou morrer no inferno verde, tocado que fora pela seca.

A Normalista, 1893 (Adolfo Caminha); *O Simas,* 1898 (Pápi Júnior); *Luzia-Homem,* 1903 (Domingos Olimpio), são citados a propósito da referida literatura.

Sânzio estuda *O Quinze,* o seu enredo, assinalando a importância da seca na sua fabricação, citando, ainda, os comentários de *Augusto Frederico Schmidt* e Agrippino Grieco, sobre a obra da Rachel de Queiroz.

Tendo nascido em novembro de 1910 em Fortaleza, escreveu o seu romance aos 19 anos de idade, no qual o tema social predomina sobre a fabulação amorosa. *Sânzio* considera a seca a grande personagem de *O Quinze,* sem desmerecer a participação dos demais elementos com os respectivos valores. Comenta *Sânzio* a 1ª edição de *O Quinze,* de maio de 1930 — Fortaleza —

Gráfica Urania e enumera alterações ou modificações da linguagem verificadas nas edições sucessivas, inclusive na 15ª.

Na sua longa análise, deveras valiosa, Sânzio examina passagens dos capítulos, expressões regionais, termos, estilo. Foros de romance social, moderno, ganhou fama e granjeou o melhor conceito, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, que honra o Ceará e o Brasil.

A leitura dos capítulos de 2 a 10, deveras interessante, suave e proveitosa, do excelente livro de *Sânzio de Azevedo*, intitulado *Dez Ensaios de Literatura Cearense*, é digna de especial registro pelos ensinamentos que asseguram ao leitor sobre o assunto em pauta, enriquecendo os conhecimentos de quem a desfruta.

Herdeiro direto de nobre tradição intelectual, cultural, como filho dileto do ilustre poeta Otacílio de Azevedo, o autor deste livro, com a sua reconhecida autoridade na prosa e mestre de todos os segredos da arte poética, foi feliz na escolha dos temas apresentados, focalizando os aspectos marcantes na vida e na obra dos seus biografados. A distribuição e a dimensão dos capítulos respeitaram, por sua vez, o bom-senso, o equilíbrio, a própria justiça.

As qualidades de pesquisador, de homem apegado aos livros, de amante e profundo conhecedor da literatura cearense, tornaram possível, tão árdua quão louvável tarefa.